

## Leituras libertárias no Centro de Cultura Social

Lúcia Silva Parra  
Mestranda em Estudos Culturais, EACH/USP  
parra\_lucia@yahoo.com.br

Os centros de cultura libertários, ateneus e bibliotecas populares foram locais de construção do conhecimento entre os anarquistas. Este artigo tem por objetivo refletir sobre a circulação do saber no Centro de Cultura Social (CCS), em sua primeira fase (1933 a 1937). Neste espaço eram realizadas conferências, cursos e atividades teatrais. Contava-se com uma biblioteca que servia de suporte para sua programação. E, através da observação do acervo de sua antiga biblioteca pode-se entender um pouco mais sobre quais eram os autores e assuntos que mais interessavam aos libertários no período. É possível também refletirmos sobre quais os idiomas eram acessíveis aos anarquistas em São Paulo e em que locais eram publicados livros sobre anarquismo.

Atividades relacionadas à educação e práticas de leitura estiveram muitas vezes presentes no movimento anarquista. Ateneus, centros de cultura e bibliotecas serviram de complemento para a formação de gerações de libertários, além de serem importantes locais de socialização e discussão política. Um dos mais antigos espaços de construção do conhecimento libertário ainda em atividade na cidade de São Paulo é o Centro de Cultura Social.

O Centro de Cultura Social (CCS) foi fundado em janeiro de 1933, em São Paulo, por um grupo de anarquistas e fechado em 1937, com o Estado Novo. Em 1945 foi reaberto, permanecendo em atividade até 1969, quando, após a repressão que se seguiu à promulgação do Ato Institucional nº 5, seus membros decidiram encerrar suas atividades. Em 1985 inicia-se a terceira fase do CCS que permanece em atividade até os dias de hoje. Desde sua fundação, o Centro de Cultura Social mantém as atividades graças à colaboração de militantes e simpatizantes.

Na primeira fase do Centro de Cultura Social eram realizadas palestras com temas como o ensino em escolas proletárias, sindicalismo, Revolução Espanhola, fascismo, religião, a emancipação da mulher, etc.<sup>1</sup> Eram promovidos festivais libertários com o objetivo de arrecadar fundos para o jornal *A Plebe*, que neste período, não divulgava propagandas. Estes festivais contavam com a participação do grupo de teatro do Centro de Cultura Social. As atividades do CCS desta fase apresentavam um caráter educativo:

Aqueles que conheciam os princípios deviam transmiti-los à classe trabalhadora, educando-a e doutrinando-a. Esses oradores que deveriam vir “mesmo fora de nosso meio” representam os intelectuais ou estudiosos de questões “científicas”. Educar e preparar essa classe para a

---

<sup>1</sup> GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL* – anarquismo e anarquistas, n. 8/9, p. 168, 1998.

organização autônoma e para a “ação direta” ou seja, para as manifestações e agitações revolucionárias, era dever da militância. A propaganda e a divulgação das ideias e a educação libertária constituíam, para os libertários, o caminho da preparação do operariado.<sup>2</sup>

Promover espaços para a cultura e a educação eram estratégias de sobrevivência em um contexto no qual os proletários eram excluídos de serviços como educação gratuita, bibliotecas e espaços de lazer.

O Centro de Cultura Social foi criado em um contexto de crescente burocratização do sindicalismo pelo Estado, acompanhada da massificação da cultura popular.<sup>3</sup> Em 1930 foi promulgada a Lei dos Dois Terços que obrigava as empresas a contarem com pelo menos dois terços de trabalhadores brasileiros, além de proibir a propaganda de ideologias de caráter político ou social<sup>4</sup>. Em 1931 passou a vigorar o Decreto n. 19.770 que estabelecia o reconhecimento de apenas um sindicato por categoria profissional. A sindicalização não era obrigatória, porém a legalização dos sindicatos dependeria do ministério do trabalho<sup>5</sup>.

Para os anarquistas, era fundamental investir na formação intelectual do proletariado e do povo em geral, pois acreditavam que, somente com indivíduos conscientes, seria possível mudar as estruturas da sociedade.

Neste sentido, o Centro de Cultura Social foi criado como mais uma iniciativa de caráter educativo e cultural, conforme constatamos no panfleto que divulgava o início de suas atividades, no dia 14 de janeiro de 1933:

Um núcleo de cultores das grandes ideias de progresso e de liberdade acaba de fundar uma instituição popular destinada à difusão da instrução e educação integral das classes laboriosas e de vulgarização dos conhecimentos científicos e filosóficos e particularmente das doutrinas socialistas e libertarias (...)<sup>6</sup>

O objetivo do Centro de Cultura Social era, segundo eles, de educar o povo e o proletariado em geral para sua emancipação política. Era percebido que a ignorância e o analfabetismo constituíam empecilhos para a revolução social, conforme podemos observar:

Dado o estado lastimável de analfabetização e de grosseiras superstições religiosas e políticas em que se encontra a imensa maioria do povo e quase a totalidade do proletariado, incapacitados, portanto para qualquer movimento liberal e social, de emancipação humana, dada a riqueza de preconceitos de raça, de classe e de nacionalidade que impedem o surto dos

2 GERALDO, op. cit. p. 177.

3 HARDMAN, Francisco Foot. 3.ed. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2002 . p. 45.

4 AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: IMESP, 2002. p. 298-299.

5 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 335.

6 Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/ SP.**

pendores de solidariedade e de fraternidade universais (...) <sup>7</sup>

Na segunda fase do CCS a difusão da cultura e da ciência destacavam-se ainda os principais objetivos da instituição que poderiam interessar a estudantes, trabalhadores e profissionais liberais. O Centro de Cultura Social era visto por seus integrantes como um espaço de divulgação e debate de ideias de diferentes tendências através de conferências e palestras. E como subsídio para as atividades realizadas havia uma biblioteca que poderia ser usada por seus militantes.

O Centro de Cultura Social é uma organização cultural há anos incorporada à vida pública de S. Paulo, uma coletividade aberta a todas as correntes inovadoras, a todas as inquietudes humanas. [...] Os sócios desta instituição permanecerão nela enquanto interessados na difusão da cultura livre, tanto no aspecto científico como no sociológico, qualquer que seja a escola filosófica ou a tendência social a que cada um pertença. A esta associação poderão trazer, por consequência, o tributo de sua cooperação, estudantes, obreiros manuais, homens de profissões liberais, periodistas, advogados, médicos, artistas, etc. Entre outros propósitos imediatos, o Centro de Cultura Social consagra sua atenção na difusão de uma cultura elevada, por meio de conferências públicas, palestras comentadas e debates sobre temas que interessam ao desenvolvimento da cultura e que vem sendo realizadas semanalmente. [...] Como complemento dessa obra cultural pela tribuna, o CCS mantém em sua sede, uma biblioteca, em formação, cujas obras, à disposição dos estudiosos, correspondem às matérias de investigação e estudo consentâneas<sup>8</sup>.

O acervo da biblioteca do CCS, até 1969 foi constituído e organizado por militantes anarquistas e foi vendido para à UNICAMP. Este acervo originou o atual Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), influenciando gerações de estudiosos da área de movimentos sociais.

De acordo com Edgar Rodrigues, o acervo organizado por Edgard Leuenroth era formado por publicações enviadas para os jornais onde ele militava, obras de outros anarquistas que haviam sido presos, expulsos ou simplesmente não tinham condições de guardar o material<sup>9</sup>. Outros militantes, como Antônio Martinez e Jaime Cubero participaram também da organização desta biblioteca conforme depoimento de Carlos Morel concedido a Nildo Avelino:

Ocorre que o material estava tremendamente desorganizado, dadas as suas constantes mudanças de localização, por motivos de segurança ou financeiros desde 1930. Martinez então se propôs a ajudar na organização do material. [...] começou então uma tarefa hercúlea que iria lhe tomar os próximos oito anos: reorganizou, com o auxílio de Jaime Cubero e de outros companheiros, praticamente todo o arquivo, restaurou coleções de documentos, completou e encadernou coleções de jornais e periódicos, etc. Quando John Foster Dulles esteve no Brasil buscando subsídios para seu bisonho livro deparou-se com um arquivo razoavelmente organizado e não

<sup>7</sup> Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP.**

<sup>8</sup> *A Plebe*, São Paulo, 02/06/1948. AEL.UNICAMP.

<sup>9</sup> RODRIGUES, Edgar. *Lembranças incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007, p. 107.

com um amontoado de papel velho<sup>10</sup>.

A riqueza da aquisição do material que atualmente constitui o Fundo Edgard Leuenroth do AEL/UNICAMP pode ser avaliada pela mobilização de intelectuais como Azis Simão e Antônio Cândido que foram associados ao projeto de salvamento deste acervo clandestino em plena ditadura Médici. Entre os professores da UNICAMP foram protagonistas da aquisição Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall. Assim que a documentação chegou à UNICAMP foi microfilmada, sendo guardadas cópias no Citibank e no Instituto Internacional de História Social de Amsterdam. Enquanto Edgard Leuenroth era vivo, este acervo já era famoso entre militantes e intelectuais, como Caio Prado Júnior que encontrando Leuenroth na prisão teria feito uma proposta de guardar e manter o material, o que não foi aceito pelo anarquista<sup>11</sup>.

Para refletir sobre as leituras anarquistas do Centro de Cultura Social, na década de 1930 foi realizado um levantamento de livros presentes no fundo Edgard Leuenroth: do total de 709 presentes no acervo catalogado pela UNICAMP foram selecionados 314 que correspondem às obras publicadas até 1937, ano de fechamento do Centro de Cultura Social.

No levantamento foram destacados os autores que aparecem mais quatro vezes:

Quadro 1 – Livros do Fundo Edgard Leuenroth

Autor	Título
GRAVE, Jean (autor)	A sociedade moribunda e a anarchia
GRAVE, Jean (autor)	La societa: all'indomani della rivoluzione
GRAVE, Jean (autor)	La societa morente e l'anarchia
GRAVE, Jean (autor)	Le mouvement libertaire sous la 3e Republique: (souvenirs d'un revolte).
GRAVE, Jean (autor)	A sociedade futura
GRAVE, Jean (autor)	A anarchia: fim e meios
MALATO, Charles (autor); GRAVE, João (coaut.); JORGE, Angelo (coaut.)	As theorias anarchistas: estudos philosophico-sociaes
KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch, Principe (autor); HENDIOSER (coaut.)	O anarquismo: suas bases cientificas, sua filosofia, seu ideal, seus principios economicos.

10 AVELINO, Nildo. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. p. 126.

11 GALVÃO, Walnice Nogueira. Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 17, n. 29, p. 17-27., set., 2010. p. 18-19.

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	La grande rivoluzione: 1789-1793
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lavoro intellettuale e lavoro manuale
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lo stato
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor); GALLEANI, Luigi (coaut.)	La morale anarchica
KROPOTKINE, Piotr Alekseievitch (autor); BRANDES, Jorge (coaut.); COSTA, Emilio (coaut.)	Em volta duma vida: memorias.
COMITE DE JOVENES REVOLUCIONARIOS CUBANOS (MADRID). Coautoria de Henri Barbusse, Romain Rolland, Piotr Alekseievitch Kropotkin	El terror en Cuba
GORI, Pietro (autor)	Ceneri e faville: prosa
GORI, Pietro (autor)	Conferenze politiche
GORI, Pietro (autor)	Sociologia anarchica
GORI, Pietro (autor); MARENCO, Leopoldo (coaut.)	Bozzetti sociali
GORI, Pietro (autor).	Prigioni: versi.
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Epistolario revolucionario e intimo.
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Tribuna roja: (discursos)
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Verdugos y victimas: drama revolucionario en cuatro actos
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Rayos de luz: (dialogos relacionados con las condiciones sociales de Mexico
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1910.
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1911.
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1912
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1913
TROTSKI, Leão (autor)	A revolução espanhola

TROTSKI, Leão (autor)	O plano quinquenal.
TROTSKI, Leão (autor)	Revolução e contra-revolução na Alemanha.
TROTSKI, Leão (autor); GAY, Vicente (coaut.)	El bolcheviquismo: ante la guerra y la paz del mundo.

Fonte: Livros Fundo Edgard Leuenroth. AEL/UNICAMP

Entre os autores com mais títulos na lista de livros selecionados a maioria é anarquista: Jean Grave, Kropotkin, Pietro Gori e Ricardo Flores Magón. O autor que aparece com mais frequência é Jean Grave (1854-1939), anarquista francês, sapateiro de profissão que participou da revista *La Revolté* com o geógrafo libertário Elisee Reclus.

Na obra *A sociedade futura*, é abordado o tema do teatro livre, composto por grupos de amadores, onde pessoas interessadas em escrever peças teatrais, interpretá-las se associariam de forma espontânea. De acordo com André Reszler, Jean Grave teria se inspirado nas obras de Kropotkin e Richard Wagner para formular seus conceitos de agrupamentos criadoras de arte<sup>12</sup>.

Para Kropotkin, em cada pessoa haveria um artista em potencial, sendo que na sociedade futura, os trabalhadores teriam uma jornada reduzida a quatro ou cinco horas e, portanto teriam tempo livre para dedicar-se à arte e à ciência por meio da formação de comunidades artísticas e científicas.

As ideias apresentadas por Jean Grave sobre grupos de amadores seriam aplicadas pelos anarquistas atuantes em São Paulo, como no caso dos grupos de teatro do Centro de Cultura Social, da União dos Artífices em Calçados e Grupo Teatral Aurora.

Segundo Adelaide Gonçalves, os autores anarquistas mais publicados em língua portuguesa até a década de 1930 foram Kropotkin, Jean Grave, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Sebastien Faure e Errico Malatesta e, os brasileiros mais publicados seriam Benjamim Mota, José Oiticica e Maria Lacerda de Moura<sup>13</sup>. De fato todos estes autores foram identificados entre os livros da seleção realizada do Fundo Edgard Leuenroth.

Ainda no que se refere aos autores é interessante notar a presença de Émile Zola, com o título *Germinal*. Esta obra foi bastante popular entre os anarquistas em São Paulo, tanto que serviria de inspiração para os nomes próprios de filhos de anarquistas como Germinal Soler e Germinal Leuenroth. Além disto, este livro era lido entre os anarquistas espanhóis entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX: “Uno de los clásicos del anarquismo fue *Germinal*. Esta

12 RESZLER, André. *A estética anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d. p. 49.

13 GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 26-27.

novela fue como un grito de guerra y fue leída por varias generaciones de libertarios hasta nuestros días.”<sup>14</sup>

O interesse dos anarquistas pelas obras de Zola e Victor Hugo aparecem nos comentários da escritora Zélia Gattai que enfatizou a popularidade de Victor Hugo e Émile Zola entre os anarquistas:

Zola era um ídolo de todos aqueles italianos anarquistas que chegavam a lhe atribuir nacionalidade italiana, devido ao seu sobrenome que era pronunciado por eles à italiana: Emilio Zóla. A mesma tentativa de nacionalização era empregada com Victor Hugo, no pronunciar deles, Húgo. “Sono oriundi...” diziam.<sup>15</sup>

Embora Victor Hugo e Émile Zola tenham sido lidos pelos anarquistas de São Paulo, estes autores nem sempre foram recomendados por teóricos anarquistas como Bakunin e Kropotkin. De acordo com André Reszler, Bakunin criticava escritores como Victor Hugo, Honoré de Balzac e Alexandre Dumas. Para Bakunin, o romantismo era:

A literatura das almas ternas, delicadas, distintas, com aspirações ao Céu, sua pátria, vivendo, como que contranatura, na Terra. Sentia pela política, pelos assuntos do cotidiano, horror e desprezo; mas quando por acaso falava, mostrava-se francamente reacionária, tomava o partido da Igreja contra a insolência dos livre-pensadores, o dos reis contra os povos e o de todas as aristocracias contra a vil canalha das ruas...<sup>16</sup>

Kropotkin também foi um crítico do romantismo e do naturalismo de Émile Zola, afirmando que este faria uma “simples anatomia da sociedade” e que a função da literatura não seria somente mostrar como viviam os homens, mas como deveriam viver<sup>17</sup>.

No que se refere aos idiomas presentes na seleção de livros analisada, nota-se um predomínio do português, seguido do idioma italiano e do espanhol. Em menor número, encontramos livros em idiomas francês, inglês e latim. A presença considerável de línguas como o italiano e o espanhol deve-se, provavelmente, aos imigrantes e seus descendentes que compunham a população de São Paulo nos anos 1930. Sabe-se que em 1949, 28% da população da cidade de São Paulo era composta de estrangeiros<sup>18</sup>.

Há publicações editadas em diversas cidades italianas como Spezia, Milão, Mantova, Roma, Ravena, Florença, Turim, Bolonha e Ancona. No entanto, dos livros em idioma italiano foram publicados também junto a comunidades italianas de outros países, como o Brasil. Na seleção de

14 LITVAK, Lily. *Musa libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981. p. 111.

15 GATTAI, Anarquistas graças a Deus. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 127-128.

16 RESZLER, André. *A estética anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d. p. 35.

17 RESZLER, op. cit. p. 45.

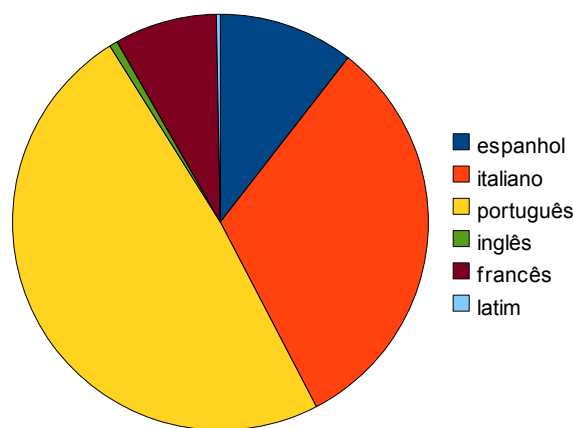
18 PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 2. ed. São Paulo: Brasilense, 1989. p. 60.

livros do Fundo AEL foram localizados livros de temática anarquista, em idioma italiano, publicados em cidades americanas como New York, Newmark e East Boston e na cidade de Genebra, na Suíça.

Dos livros em castelhano, predominam as publicações de cidades da América Latina como Buenos Aires, Montevideú, Santiago e cidade do México. As obras publicadas na Espanha concentram-se nas cidades de Madri e Barcelona.

Sabe-se que entre os anarquistas oriundos da Espanha era difundida a prática de leitura em voz alta em idiomas como francês, alemão, inglês, português e italiano, realizada por um militante que dominava um idioma estrangeiro e traduzia simultaneamente a um grupo de ouvintes.<sup>19</sup> Práticas semelhantes, provavelmente ocorreram entre libertários no Brasil.

Gráfico 1 – Idiomas dos livros



Foi notada uma variação de idiomas ao longo do tempo: na década de 1930 o português predomina nas publicações enquanto que o italiano decresce. Porém, na década de 1930, em São Paulo, ainda eram publicados títulos anarquistas em italiano e espanhol, como se percebe pelos anúncios do *Editorial A Sementeira*, mantido por Rodolpho Felipe e divulgado pelo jornal *A Plebe*<sup>20</sup>. Outro fator que deve ser considerado é a aquisição de livros sobre anarquismo editados em Portugal. Entre as casas publicadoras portuguesas que editavam livros de temática libertária ou de autores anarquistas encontradas na seleção estão: Guimarães & Cia (Lisboa), Gomes de Carvalho (Lisboa), Biblioteca d' Educação Nova (Lisboa), Antiga Casa Bertrand (Lisboa), Typographia do Commercio (Lisboa) e Almeida e Sá (Porto). Entre os autores publicados por estas editoras estão: Kropotkin, Charles Malato, Jean Jaures, Jean Grave, Tolstoi e Neno Vasco.

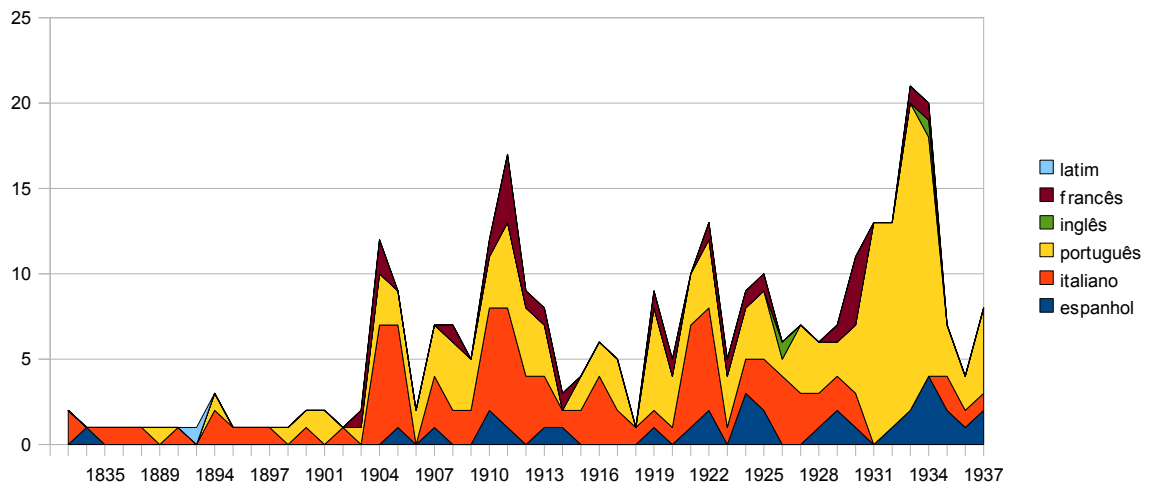
<sup>19</sup> Litvak, op. cit. p. 254.

<sup>20</sup> *A Plebe*, 19/01/1935. p. 3.



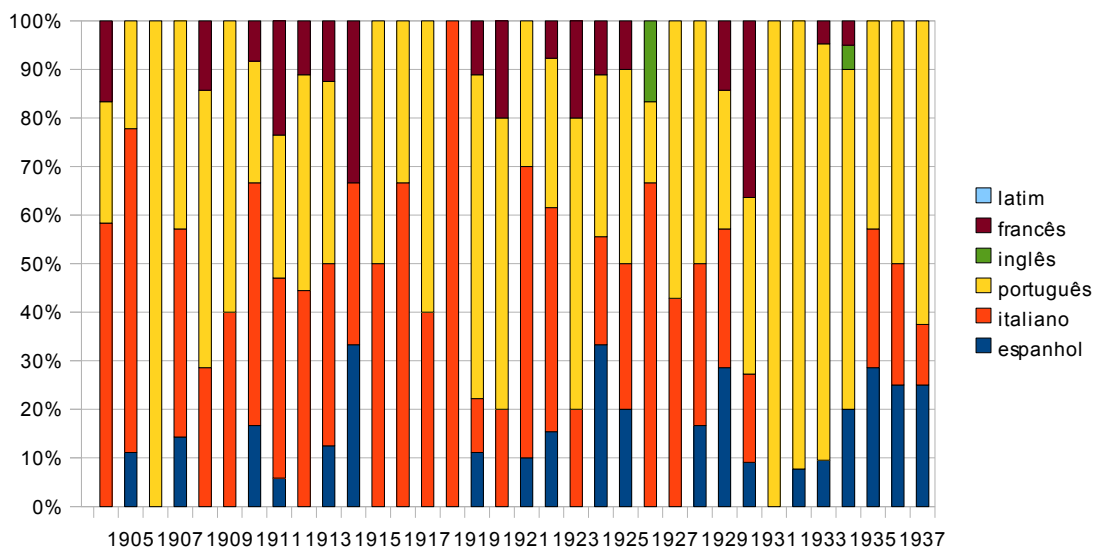
Segundo Adelaide Gonçalves, algumas livrarias de caráter comercial publicavam livros anarquistas como Guimarães, Aillaud e Bertrand e, Tipografia Francisco Luiz Gonçalves, Casa Alfredo David e José Bastos em Portugal e Francisco Alves, Livraria Garnier, Livraria Teixeira, Livraria Progresso, Civilização Brasileira e José Olympio no Brasil<sup>21</sup>.

Gráfico 2 – Variação dos idiomas dos livros de 1835 a 1937



21 GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 33.

Gráfico 3 – Variação dos idiomas dos livros de 1905 a 1937



No que se refere aos locais de publicação foram contabilizadas 73 edições de São Paulo (23,2%), 47 do Rio de Janeiro (14,9%), 31 de Milão (9,8%) e 25 de Lisboa (7,9%). Ao destacarmos os livros de temática e autores anarquistas perceberemos um predomínio de publicações nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Entre os autores anarquistas editados no Brasil destacam-se os brasileiros Florentino de Carvalho, Everardo Dias, Fábio Luz, José Oiticica, Benjamim Mota, Maria Lacerda de Moura, Edgard Leuenroth e Hélio Negro.

Quanto às editoras há uma grande diversidade que mereceria ser mais bem avaliada, porém se podem notar as casas editoriais que mais se destacam: Fratelli Treves, com dez publicações (3,1%) e Fratelli Bocca, com sete obras (2,2%). Interessante notar que os jornais anarquistas também publicavam coleções de livros como no caso de *A Lanterna* (São Paulo) e *L'Adunata dei Refrattari* (Newark, New Jersey). Adelaide Gonçalves afirma que era no Brasil e em Portugal era comum que jornais e revistas libertárias publicassem livros e opúsculos<sup>22</sup>.

Quanto aos assuntos que mais aparecem entre os livros selecionados temos anarquismo e anarquistas, com 35 incidências (11,1%), socialismo, com 27 publicações (8,5%) e religião, com 20 obras (6,3%). No entanto, se somarmos os livros classificados como literatura brasileira e poesia brasileira teremos um total de 13%, um dado que pode ser o reflexo de um interesse considerável dos libertários sobre o tema.

Observando as temáticas dos livros selecionados percebe-se uma diversidade tanto de gêneros literários quanto de posições políticas dos autores. Provavelmente este fato deve-se ao interesse dos libertários por diversos assuntos, incluindo posições políticas diferentes e até

<sup>22</sup> GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 29.

contrárias às suas práticas, como o integralismo, por exemplo. Existe também uma considerável variação nos subtemas que foram agrupados em assuntos como “anarquismo e anarquistas”, tais como teorias anarquistas, história do movimento operário, Revolução Constitucionalista de 1932, autobiografias de libertários, Sacco e Vanzetti e diferenças entre anarquismo e marxismo. Há também temas relacionados a teorias e práticas libertárias tais como história, sociologia, educação, bibliotecas populares, cooperativismo, condições sociais e direitos da mulher, neomalthusianismo e livre pensamento.

Na seleção de livros há muitas obras sobre anticlericalismo, igreja agnóstica universal, igreja católica, inquisição, protestantismo, espiritismo e mediunidade. Estes temas podem parecer a princípio contraditórios, pois causa estranheza encontrar livros religiosos no acervo de anarquistas. No entanto, esta diversidade parece fazer sentido na medida em que predominam as críticas à Igreja Católica, mas o ateísmo entre os anarquistas do período analisado não era uma unanimidade.

Os educadores João Penteado e José Oiticica, bem como a livre-pensadora Maria Lacerda de Moura eram espíritas. João Penteado foi colaborador da imprensa espírita, chegando a redator das revistas *Nova Revelação* e *Natalício de Jesus*. Em 1911, João Penteado foi responsável pelo ensino tipográfico da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, dirigida pela educadora espírita Anália Franco<sup>23</sup>.

Em comum, anarquistas e espíritas tinham práticas como a fundação de escolas e a divulgação de suas ideias através da imprensa. Esta postura de alguns libertários pode explicar a presença de livros sobre espiritismo, mediunidade e obras psicografadas.

Segundo Tatiana Calsavara, muitos anarquistas foram leitores de Tolstói e foram influenciados pelas ideias de Gandhi e Krishnamúrti<sup>24</sup>. Havia inclusive a identificação de Jesus Cristo como um revolucionário como em “dois livros que circulavam na época, defendiam essa ideia: *Cristo, o maior dos anarquistas* de Aníbal Vaz de Melo e *Jesus Cristo era anarquista* de Everardo Dias”<sup>25</sup>.

Uma possível explicação para o interesse de alguns anarquistas pelo espiritismo talvez seja a ausência de hierarquias e intermediários entre uma divindade e seus adeptos como ocorre na Igreja Católica. Outro elemento que pode ajudar a explicar a adesão de alguns anarquistas ao espiritismo é a ideia do progresso e da evolução, também presentes em outro tema identificado entre os livros do acervo analisado: o positivismo representado em ao menos três obras.

Outro destaque entre os assuntos encontrados foi a literatura, seja em forma de romances,

23 PERES, Fernando Antônio. Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. *Horizontes*, v. 29, n. 2, p. 35-46, jul./dez.2011. p. 37.

24 CALSAVARA, Tatiana da Silva. A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. f. 38.

25 CALSAVARA, Tatiana da Silva. Op. Cit. f. 38.

ensaios, crônicas, poesias, peças de teatro, biografias ou autobiografias. Entre os autores de romances e poesias caros aos anarquistas destacam-se Emile Zola e Afonso Schmidt.

### **Considerações finais**

O Centro de Cultura Social é desde sua fundação, em 1933, um local de circulação de informação, debate de ideias e construção do conhecimento entre os anarquistas e mesmo para adeptos de outras correntes ideológicas que ocasionalmente frequentam e frequentaram este espaço. Para refletir sobre a circulação do conhecimento na primeira fase do Centro de Cultura Social (1933-1937) foi realizado um levantamento de livros publicados neste período junto ao Fundo Edgard Leuenroth que correspondia, provavelmente, ao acervo bibliográfico disponível aos militantes. Através da análise deste conjunto de livros percebe-se que havia um interesse por autores anarquistas como Kropotkin, Jean Grave, Malato e Pietro Gori, mas também eram lidos autores de outras correntes ideológicas, como Trotski. Os interesses temáticos também não se restringem ao anarquismo, pois há muitas obras literárias e mesmo livros sobre espiritismo.

Sobre os idiomas dos livros destacam-se o português, seguido do italiano, do espanhol e do francês que provavelmente eram acessíveis à grande parte dos anarquistas no período. Ao longo da década de 1930, apesar de ainda serem publicados livros em italiano e espanhol em São Paulo, o idioma português cresce entre as obras. Provavelmente este dado está relacionado à formação de uma geração de militantes nascidos no Brasil, mas também ao volume de obras de temática libertária publicada em Portugal que circulava em São Paulo.

### **Referências**

AVELINO, Nildo. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: IMESP, 2002.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20*. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 17, n. 29, p. 17-27., set., 2010.

GATTAI, *Anarquistas graças a Deus*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL – anarquismo e anarquistas*, n. 8/9, 1998.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot. 3. ed. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2002.

LITVAK, Lily. *Musa libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

PERES, Fernando Antônio. Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. *Horizontes*, v. 29, n. 2, p. 35-46, jul./dez.2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 2. ed. São Paulo: Brasilense, 1989.

RESZLER, André. *A estética anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

RODRIGUES, Edgar. *Lembranças incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007.

## **Documentos**

Prontuário 716, vol. 3, Federação Operária de São Paulo. DEOPS/SP. AESP.

*A Plebe*, São Paulo, 19/01/1935. AEL. UNICAMP.

*A Plebe*, São Paulo, 02/06/1948. AEL. UNICAMP.